



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

31 de Dezembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1769

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

SETÚBAL

Padre Acílio

Vicentinos

Os Vicentinos, da Diocese de Setúbal, reuniram-se em nossa Casa, pela quinquagésima terceira vez, na sua assembleia anual da Imaculada Conceição.

Os Vicentinos são cristãos que procuram a santidade de maneira viva e clara, muito diferente da que tem sido mais proclamada nos últimos tempos.

São gente que vai a casa do Pobre, se compadece dele e o põe na sua vida como seu Deus, a Quem ama de todo o coração. Nele aprende o que é ser Pobre e a apreciar a esmola como *sacramento* simples e acessível, capaz de redimir e apagar os pecados.

São cristãos que fazem apostolado de forma escondida, mas eficaz, provando por obras e sacrifícios que o nosso Deus está Vivo e presente no mundo, amando-os, a eles e acudindo aos Pobres por eles.

Pediram-me que lhes dirigisse a palavra e fi-lo com muito gosto. Falei-lhe na alegria de Nossa Senhora como substrato de toda a sua personalidade e vida. O gozo é um alicerce sólido da vida humana e Nossa Senhora usufruiu dele logo que teve consciência do amor de Deus por Si. Os Seus olhos enchiam-se da manifestação contínua do carinho divino. Em toda a Criação, na História da sua vida, na dos seus Pais e do seu Povo Ela via Deus e o seu coração exultava de gratidão e consolo. Assim Se enriqueceu humana e sobrenaturalmente.

Decalcando o *Magnificat*, fomos descobrindo, versículo a versículo esta riqueza interior da Mãe de Deus e Nossa.

Rezámos vésperas todos juntos e, na Capela, celebrámos a Eucaristia onde, na homilia, lhes preguei que o anúncio da Salvação vem mais pelas obras do que pelas palavras.

Éramos para ter merendado juntos mas, eu esqueci-me de prevenir as nossas Senhoras e as mesas estavam vazias quando nos aproximámos da sala das refeições. Foi um grande fiasco de que me culpabilizei e pedi perdão. Os Vicentinos não levaram a mal e perdoaram-me com benevolência.

O Senhor Bispo fez-se representar pelo Vigário Geral, o Senhor Padre João Lobato.

Continua na página 4

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio



O local onde me encontro a escrever estas linhas, observo um dos nossos, já homem, a fazer o seu trabalho. De quando em quando necessita de parar para respirar fundo e recobrar forças: É uma actividade que exige esforço físico mas também saber.

Quantas vezes damos conta, em locais públicos, de grupos de pessoas paradas a observar outras na sua actividade laboral. É um sentimento de admiração, mesmo de contemplação, que invade os *mirores*, exercendo neles uma espécie de anestesia, um relaxamento.

Não é indiferente ao que trabalha o facto de estar a ser observado no seu labor. Tem nele um efeito que alivia o seu esforço, e lhe dá um acrescento de brio naquilo que faz.

O trabalho tem pois, em si mesmo,

uma beleza interior, de que só nos damos conta inconscientemente. Ele dá brio e desenvolve o gosto pela vida e anseio em comunicá-la. Em suma, dá sensação de felicidade.

A Casa do Gaiato assentou a sua construção e crescimento no trabalho. A própria natureza das coisas, da experiência quotidiana, abria a motivação para a actividade. Por ela se deixavam prender os rapazes e, se alguma vez, principalmente no início, sentiam o amargo do esforço e da aparente perda de liberdade, depressa começavam a apreciar aquilo que antes detestavam.

Em tudo havia movimento: a construção das casas para as diversas funções na Aldeia dos Rapazes, o ajardinamento dos espaços, o cultivo dos campos, os cuidados com toda a espécie de animais, o asseio

das habitações... A vida a germinar e a irromper à volta e no ser dos que para ela estavam desacreditados.

Os tempos mudaram e a sociedade deixou de valorizar o ser humano no conjunto do seu *ecossistema*, para se centrar no saber e no indivíduo: Chegamos a esta sociedade pseudo-intelectual e individualista. A facilidade com que o dinheiro começou a aparecer, anulando a necessidade de esforço e de poupança, resultou no desconhecimento do valor real das coisas e na perda da motivação para alcançar objectivos.

A Casa do Gaiato sofreu muito, neste período, com esta influência e intromissão forçada dentro de portas, sem contudo deixar nunca de ser «a porta aberta», coisa para nós tão natural como espantosa

A Casa do Gaiato assentou a sua construção e crescimento no trabalho... Em tudo havia movimento: a construção das casas para as diversas funções na Aldeia dos Rapazes, o ajardinamento dos espaços, o cultivo dos campos, os cuidados com toda a espécie de animais, o asseio das habitações... A vida a germinar e a irromper à volta e no ser dos que para ela estavam desacreditados.

para tantos que nos visitam e que, portanto, verdadeiramente nos desconhecem.

Esta mentalidade ilusória criou uma falsa ideia de segurança, dando a sensação de poder que, de facto, assentava no vazio. O poder real que nos é dado é a capacidade de trabalhar, de desenvolver uma actividade produtiva que garanta o sustento, dê ânimo e equilíbrio e o gosto de transmitir vida, especialmente naqueles em quem nos reavemos.

«Comerás o pão com o suor do teu rosto» não é, nem poderia ser vindo de Quem vem, um castigo, mas é uma nova oportunidade para redescobrir a alegria de viver. E se a muitos hoje não é dada esta oportunidade, é imperioso que quem tem poder, desfaça esta injustiça. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

O mundo comercial há muito domina o Natal. O mundo cristão, apesar do contágio, o prepara no silêncio interior do coração da gente, como O que há-de vir para nós. O que já veio, continua a vir e há-de vir. O que já veio há dois milénios e desde há séculos caracteriza a civilização cristã, está posto de parte. Já querem chamar-lhe a era comum. O que continua a vir, mas tão escondido como em Belém é para poucos, porque submergido por campanhas panfletárias de campanha eleitoral.

Natal é luz. Não luzinhas, que também se acendem aos milhares ou milhões se eléctricas, por todo o mundo. Até usam uma estrela de luz, no topo das árvores do Natal.

Podem fazer o que fizerem que embora seja uma reminiscência, mais afasta da verdadeira Luz. Ele, só Ele é que é a Luz verdadeira que veio a este mundo.

Toda a História da Salvação, lida durante o Advento, nos prepara para a chegada da Luz e São João apreende melhor o acontecimento, dizendo que a Luz resplandeceu nas trevas e as trevas não recuaram. Nem nestes dois mil anos passados. O mundo continua às escuras. Nem guerras, epidemias, nem catástrofes apocalípticas fazem o mundo pensar e procurar a Luz nos acontecimentos. Já nascemos, ao contrário dos outros animais, com os olhos abertos para a luz deste mundo, até se diz vir à luz. É um sinal impresso na natureza humana, ninguém quer pensar porquê? A terra treme, mas o homem não estremece. A natureza é agredida de muitos modos e vinga-se, mas o homem não a domina,

como Deus lhe ordenou ao abençoá-lo no princípio da criação: «Enchei a terra e dominai-a».

O dinheiro é hoje a luz do homem. Os cortes nos salários, nas pensões, os despedimentos, as falências, a subida dos remédios a quem nada sobra para comer, a morte à vista para tantos deserdados, o corte de financiamentos para a retoma do trabalho, tudo é um fechar a luz aos homens. Apetece-me dizer: Porquê a Igreja não vende todo o ouro com que a devoção cristã carregou as imagens dos seus Santos, que não precisam dele para nada, porque esses têm Tudo o que aspiraram, e não fica apenas dependente dos óbulos das viúvas e de outras almas para quem a Caridade é o verdadeiro nome de Deus — como dizia Pai Américo?

Afinal estou a dizer isto e também até aqui chegou esta onda de festa. Foi uma Empresa que nos dá o arroz que consumimos todos os meses, e o nosso Banco os que mais nos trouxeram. Chegou também uma saborosa migalhinha de cinco euros da minha terra. Até o Programa Mundial de Alimentação chegou com umas centenas de sacos de milho e feijão para os nossos Pobres que são também as crianças. Que alívio para este ano de fome! Na nossa fazenda nada nasceu de quanto semeámos de girassol e soja. Milho nem pensar, porque ainda não choveu e como não recebemos água da conduta, até já desligámos o transformador de corrente, para não acumular dívidas.

Nós, porém, não estamos mergulhados nas trevas, porque tudo isto engrandece a Luz que nos alumia e aquece. □

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

FESTA DE NATAL — Na véspera de Natal, no dia 24 de Dezembro, realizou-se na nossa Casa um espectáculo de Natal, que foi ensaiado pelos rapazes com muito amor e esforço.

O espectáculo foi aberto, como de costume, pelo Padre Acílio, que dirigiu algumas palavras para o público presente. Após o início do espectáculo, apresentou-se algumas danças tradicionais, tais como o folclore, danças modernas, peças e, no final, o auto de natal.

Após o espectáculo, todos se dirigiram para a nossa Capela, onde celebrámos a Missa do Galo. De seguida, veio a ceia de Natal no nosso refeitório, onde ceámos e convivemos com os nossos familiares e amigos, que vieram passar o Natal connosco.

No final da ceia fizemos a distribuição das prendas. De seguida, despedimo-nos e foi cada um para a sua casa deitar-se.

José Lopes

PORCOS — O «Monchique» é o rapaz que está responsável pelos nossos porcos, ele dá-lhes pão, fruta, água, ração, verduras e muitos mimos. Ele limpa-lhes os excrementos, que são bons para fertilizante, põe-lhes água para tomar banho, mas com este frio nenhum deles se atreve a fazê-lo.

Na última vez que nascera leitões foram doze e já temos mais uma porca prenhe. Esperamos que venha a dar muitos leitões.

A pocilga é a céu aberto e de terra, quando chove fica tudo enlameado e os porcos não têm onde se deitar. Por esta razão e outras, estamos a construir uma pocilga atrás do nosso campo de futebol. Esta, vai ter doze divisões com o telhado até meio, para os porcos poderem apanhar sol que os ajuda a aquecer e a obter vitaminas.

Provavelmente só estará pronta em 2012, esperamos que os pedreiros se des-pachem, pois os porcos estão a passar frio.

Patrício

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Meu filho, não recuses ajudar o pobre e não sejas insensível ao olhar dos necessitados, não faças sofrer aquele que tem fome. Não rejeites a súplica de um pobre.

A água apaga o fogo e a esmola apaga o pecado. Quem retribui com o bem, armazena para o futuro, se não tempo da sua queda encontrará apoio.»

As carências são muitas daquelas que o Senhor pôs no nosso caminho.

A mãe dos 7 filhos, viu a família aumentar com a chegada de uma netinha, anda aflita, com as mãos na cabeça e a chorar: «Como vou arranjar leite, fraldas e roupa para esta criança, se não temos dinheiro para comer. Aonde vou arranjar dinheiro para a minha netinha?»...

O pai da bebé não assume a paternidade. Está em Tribunal para ser obrigado a ajudar no sustento da filha.

Ela tem dois filhos à procura de trabalho e não conseguem quem lhes abra a porta. Um deles é jardineiro, se houvesse uma horta já ficava contente, mesmo assim não consegue nada.

Os mais novos, andam todos muito bem na escola, são bons alunos.

Esta mãe é um pelicaninho, preocupada em aguentar todas as migalhinhas que lhe dá, para dar aos filhos.

Agora outra dor de cabeça, a mãe de 4 filhos e 3 netos continua a não ter juízo. A esperança é a última a morrer e esperamos que venha a ganhá-lo. Apesar da sua levandade, é amiga dos filhos; as crianças são saudáveis; por vezes, a alimentação é muito deficiente e nós, vicentinos, estamos a atravessar um período de grandes dificuldades financeiras. Se um dia lhes falta a nossa ajuda, o que será desta família — mas temos confiança de que os nossos Leitores nos vão ajudar.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Do assinante, 56807, 10 euros. D. Maria Luísa, 50 euros. D. Benilde, 20 euros. D. Lúcia, 100 euros. Sr. Manuel Pinto, 20 euros. D. Maria Alice, 20 euros. Um anónimo, mil euros. D. Isabel, 100 euros. As melhores, D. Helena, de Lisboa.

Um muito obrigado a todos, só com estas ajudas é que podemos continuar a ajudar aqueles que estão sempre à nossa espera.

O nosso NIB: 00100004417802000158.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

MUDAR DE VIDA — Com a situação económica que o país atravessa são cada vez mais insistentes os apelos no sentido de ser preciso mudarmos para um padrão de vida onde se corte com o consumo supérfluo. O Presépio de Belém há muito que nos faz esse apelo e nos dá esse exemplo de despojamento, sempre preciso quer haja crise económica, quer não haja.

Os casos de pessoas a precisar de ajuda não param de nos chegar. Se antes eram mais de pessoas isoladas (viúvas, homens a viverem sozinhos, etc.), agora vão aparecendo cada vez mais casos de famílias com idades relativamente mais novas afectadas pela actual crise económica. Lá vamos acudindo como nos parece melhor e graças à ajuda dos leitores.

Infelizmente para o ano que está a começar as perspectivas são no sentido de um aumento do número de casos a que teremos que acudir. Por isso, para todos nós, mas mesmo também para aqueles a quem acompanhamos, o apelo é para que cortemos com o supérfluo de maneira a que chegue para tudo o que é essencial e para todos os que precisam desse essencial.

Votos agradecidos de um Bom Ano para todos os Leitores. Para todos os Leitores, votos de um Santo Natal.

O nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. □

PAÇO DE SOUSA



FESTA DE NATAL — A nossa festa realizou-se antes de irmos para a Missa do Galo. Houve peças de teatro, uma relacionada com o espírito de Natal e a outra contava desde a vinda do anjo a Maria até ao nascimento do menino Jesus e dois números cómicos adaptados de séries cómicas, encenadas pelo Zé Reis e Dimas e os nossos «Batatinhas» e alguns da casa 3 deliciaram-nos com canções de Natal ensaiados pelo Dimas.

No final, seguimos para a nossa Missa do Galo.

Feliz Natal e um Bom Ano Novo.

VISITAS — No fim de semana antes do Natal recebemos uma grande visita que nos deixaram um bom donativo e também partilharam o seu lanche connosco. Também recebemos um grupo da disciplina de moral de Gaia que vieram para conhecer a nossa Aldeia e deixar a sua contribuição.

Obrigado pela vossa visita e também pelos donativos.

CONFISSÕES — Na semana antes do Natal tivemos uma pequena celebração para reflectirmos e no final houve confissões para estarmos melhor preparados para a chegada do menino Jesus.

Zé Reis

DESPORTO — Hoje, não tenho coragem de distinguir quem quer que seja. Foi uma equipa coesa, forte e inteligente — toda ela!

Assim aconteceu este fim-de-semana, ao recebermos a equipa de Juniores do Sport Progresso da cidade Invicta. Uma equipa de se lhe «tirar o chapéu» mas, que, mesmo assim, não foi o suficiente para intimidar a capacidade, o brio e o futebol de primeira, que os nossos Rapazes praticaram durante 90 minutos.

O Progresso começou por inaugurar o marcador. No entanto, os nossos Rapazes arregaçaram as mangas e, por intermédio de Erickson (2) com mais dois que desperdiçou, fez o jogo da vida dele: Joaquina (2) e Fábio (1), tendo desperdiçado outro na cara guarda-redes. Resultado final: Casa do Gaiato 5 vs Sport Progresso 2.

Toda a comitiva do Sport Progresso foi impecável. Vieram carregados de sacas e embrulhos; muita coisa nos deixou, o que nós agradecemos. O nosso Grupo Desportivo, também é, um dos elos de ligação, entre a Casa do Gaiato e os nossos Amigos espalhados por este Portugal.

E tanto assim é, que, no dia 1 de Dezembro, realizou-se neste mesmo campo o jogo «da Paz, da Confrater-

nização e da Liberdade». Recebemos os Reclusos do E. P. Regional do Vale do Sousa — Paços de Ferreira. Um jogo diferente. Se dentro daquele Estabelecimento, quando da nossa ida lá, tudo tinha decorrido lindamente, também aqui, tudo correu muitíssimo bem. Ficamos satisfeitos pelo facto de ter sido possível recebê-los em nossa Casa. Todos em «liberdade», todos à-vontade, todos confraternizaram no campo e fora dele. Os nossos Rapazes, mostraram vontade de se lhes oferecer uma merenda, ao que o nosso Padre Júlio não pôs qualquer entrave, pelo contrário, comprou o que não havia, para que nada faltasse. Tudo foi preparado ao pormenor pela D. Preciosa, que tudo faz a pensar no bem-estar dos nossos Rapazes.

Padre Júlio recebeu toda a gente, um a um: Agentes, Reclusos, Subdirectora Dr.ª Anilda Rocha; Prof. Filipe Pacheco, responsável pelo Desporto; Dr.ª Marta, Dr.ª Alda Leal, Subchefe Principal, senhor Domingos Fonseca, bem como o nosso David que também fez parte da comitiva. Todos saíram daqui super satisfeitos. No final da merenda, a senhora Subdirectora

agradeceu publicamente o convite e da maneira como foram recebidos, bem como um Recluso que, também discursou, agradeceu e sublinhou o facto de a Casa do Gaiato lhes ter proporcionado uma tarde diferente. Nós é que agradecemos a visita de toda aquela gente.

Em relação ao jogo, não podia ter corrido melhor. Os Reclusos marcaram primeiro e, conseguiram ir para o intervalo a ganhar por 0-1. Depois, veio ao de cima a nossa supremacia. Com golos de Hugo (2), André «Garnisé» (2) e Joaquina (1), fixaram o resultado final em 5-1.

Dois dias depois, foi a vez de recebermos os Juniores do Atlético Clube da Croca, da A. F. Porto. Um jogo pouco convincente mas que, mesmo assim, conseguimos registar mais uma vitória, com golos de André «Españhol» (1), de livre; e, Fábio (1), de cabeça. Este golo, todo ele trabalhado por Erickson, que depois de deixar o adversário pelo caminho, fez um belo centro, para a zona do penalty, ao que Fábio respondeu com um bonito golo e cabeça. Resultado final: 2-0.

Alberto («Resende»)

RETALHO DE VIDA

O Celso Mateus Campo, de alcunha «Sátira», é, actualmente, chefe duma camarata onde ficam sete «Batatinhas», de 9 anos. O «Sátira» tem 12 e veio para nossa Casa do Gaiato em 2008. Neste Retalho, fala um bocadinho da sua responsabilidade como chefe.

«Sátira»

Função: chefe de camarata.

Antes do mais, quero saudar o padre Rafael.

Começo por dizer que ser chefe é ser responsável, sobretudo na Casa do Gaiato. É prepararmo-nos para a vida responsável. No meu caso particular, ser chefe de camarata, é saber que há alguém que confia nas minhas capacidades, e me coloca para que, com elas, possa servir os meus irmãos mais pequeninos. É uma tarefa fascinante, saber que temos rapazes mais pequenos do que nós para cuidar. É tratá-los como irmãos — apesar de já sermos irmãos gaiatos — digo-o no sentido de irmãos biológicos.

Eu, como chefe, devo preocupar-me com os «Batatinhas» naquilo que penso ser o melhor e estiver no meu alcance, quer na organização da camarata, quer na higiene pessoal, até ao cuidado das suas roupas..., no geral sobre a casa inteira. Não esquecendo a saúde, pois de tão pequeninos são, ainda, muito frágeis e distraidos.

Por fim, gosto de trabalhar com crianças e de estar atento às suas necessidades.

Celso Mateus Campo

MAPUTO

Padre Quim

Pelos olhos entra a tentação

É pela porta que entramos todos para o interior da casa. A nossa está sempre aberta para entrar e para sair. Ninguém sai como entrou, depois de ter experimentado a nossa vida familiar comunitária em todos os passos que dá. Onde vai um, vão dois e três ou mais, tudo é feito em grupo. «A união faz a força», diz a sabedoria popular. O equilíbrio dessas forças encontra-se no grupo, seja ele de que natureza for. Estamos continuamente expostos à tentação, porque os desejos infinitos que temos inquietam a nossa paz interior, não cabem na perspectiva finita da realização do ser humano. A nossa vida familiar é uma segura morada, para nos defendermos dos ataques do mal. «A melhor maneira de evitar os grandes males alheios é cada um fazer todo o bem que poder, dentro da sua pequenina esfera de acção. Não há arma mais eficaz para combater o mal do que a prática do bem». Pai Américo confiou-nos este tesouro, «esta doutrina não é minha, é do Pai Celeste», dizia o bem-aventurado. As tendências, as ideias inquietas e a inclinação para o vício, formam um enorme arsenal bélico que é necessário controlar, para que não atinja o seu ponto máximo de ebulição. A longa luta a travar é contra os apetites exagerados do nosso pobre e convulsivo mundo, empanturrado de podridão. Os grandes males alheios têm fortes consequências sobre o nosso projecto de vida. Eles chegam quando chegam, não pedem licença a ninguém, instalam-se sobre as disposições mais fracas e alienadas que podem encontrar e, ali, começa a dor de cabeça em busca dum

antídoto capaz de sanar tão grande mal instalado no coração. Quando a televisão mostra o que as pessoas não têm, incitando-as a adquirir sobre qualquer que seja o caminho, ela se transforma numa arma de destruição dos valores, provocadora da ruína entre os irmãos. Fala-se muito, hoje, de restauração dos valores, e pouco ou nada se faz para tal. Quem é que restaura um valor onde não há valores? Que valores ainda se conservam e quais resgatar? É mais fácil ir ao mar e apanhar um peixe, porque sabemos que lá há peixe. Os valores não se apanham por aí como se apanham os vícios. É necessário educar para os valores. Para tal, é urgente que se crie uma atitude construtiva, exigente, criativa, aberta à normativa sociocultural religiosa alicerçada sobre a lei natural, guiada pela voz do bem e pela intuição das causas nobres.

Em nossa Casa, nesta altura, é tempo de colher a fruta. Qual manga madura, lá em cima da mangueira, cor e cheiro, apetite criado, o Jeremias é capaz de resistir? O rapaz fazia parte do grupo da colheita, e sabia fazer bem o seu trabalho, mas a beleza daquela fruta o corrompeu. Este nosso filho não está sozinho nesta acção, os nossos primeiros pais já tinham experimentado a amargura do doce fruto. O chefe deu por ela, à porta do refeitório, deu-lhe o castigo correccional. Nunca faltou a correcção fraterna, as lágrimas do arrependimento dão lugar ao abraço do irmão mais velho e o perdão da comunidade. Perdeu o seu posto, é claro, outro irmão irá assumir, até que aprenda a dar provas de res-

ponsabilidade. Então nessa altura voltaremos a chamá-lo, não mais para colher a fruta, mas para coisas maiores. Para que se perpetue o desejo de Pai Américo no espírito da Obra: *que sejam os filhos da Obra os continuadores da Obra*. O silêncio do pomar, o calor ardente do meio-dia, ai que bem sabe uma manga suculenta debaixo da frescura daquelas árvores ainda novas. Os olhos comem primeiro, o coração regista esta falta e a consciência o castiga pela culpa — se for capaz de a reconhecer. O que é de todos é para todos. E partilha quem sabe receber, mesmo que seja a mais pequenina lixa do nosso pomar.

Pelos olhos são armazenadas, no interior da pessoa, infinitas tendências. A maior tentação é quando nos pedem para negar o que somos. Aí começa a desordem, a confusão, a agressividade e a corrupção. Foi sobre isso que Jesus foi tentado no deserto, mas sem sucesso para o devedor do mal. Somos família e não deixaremos de ser pelas dificuldades e circunstâncias impostas pelo tempo. A crise não é uma ocasião para a degradação das famílias, ela deve significar um momento de comunhão e restauração da verdadeira solidariedade. Se todos percebêssemos a ciência do amor, já há muito que o espantinho da crise económica e financeira teria acabado. Mas isto não é coisa nova, a história da humanidade é um retalho de crises, vestidas de diferentes roupagens conforme a encenação do seu tempo e do seu autor. Pai Américo iluminaria esta situação com a seguinte frase: «*Senhor não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!*» □

Correspondência de Família

«Chamo-me Laurentino Ribeiro Fernandes, fui gaiato um bom par de anos e o meu apelido era o «Pilha-Galinhas».

É, desde há muito anos para mim, referência e tema de grande admiração e reverência, «apesar de não o ter conhecido em vida», o Homem eleito de Deus e dos Pobres, Pai Américo. Li alguns livros de sua autoria e a reflexão e considerandos a que me dei conta, deixaram-me emocionado, tamanha entrega a Deus e ao próximo são a prova cabal de que o lema cristão que todo o Homem é nosso Irmão é verdadeiro e será sempre actual, até ao fim dos tempos.

Que a santidade, bondade e grande entrega do nosso Pai Américo, abençoe e proteja a todos aqueles por quem viveu e morreu — os mais desamparados: os Pobres.

A todos senhores Padres, colaboradores e Gaiatos em geral, um Santo Natal e bom ano de 2012. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AUTO DE NATAL — Os jovens da paróquia de Semide trouxeram até nós, ao nosso salão de festas, o *Anúncio de Natal*, ao vivo, a 18 de Dezembro, Domingo, pelas 16.00h. Parabéns e obrigado pela vossa presença!

VISITANTES — Nesta quadra natalícia, como é tradição, vêm visitar-nos mais Amigos e Amigas, que nos querem conhecer e procurar ajudar a primeira Casa do Gaiato da nossa Obra. Registam-se algumas visitas e partilhas: Jovens de Ansião; Escuteiros da Pam-

vilhosa (a quem ganhámos, em futebol); Catequeses do Sebal, de Condeixa; Amigos de Casais do Campo, da Lousã; Estudantes de Medicina Dentária de Coimbra; Amigas do Instituto das Estradas de Portugal, entre outros.

A todos, o nosso bem hajam!

FÉRIAS DE NATAL — Desde 19 de Dezembro que os estudantes estão em férias escolares. Os Rapazes do 1.º Ciclo, que tinham trabalhos de casa, aproveitaram para os fazer, no nosso Centro de Estudo, com os nossos Professores Desta-

cados. Também fizemos o nosso presépio, com o musgo dos nossos montes. Deu-se uma ajuda na apanha da azeitona e os pequenos gostaram desta tarefa.

AGROPECUÁRIA — Com tempo frio, que se sentiu muito antes do Natal, continuou-se a apanhar azeitonas, na *terra dos grilos* e no *olival dos poços*, pois o azeite é preciso e bom para a saúde.

O nosso couval está razoável.

Tivemos pena, mas apareceram mortos um porco e alguns coelhos. □

MALANJE

Padre Rafael

ONTM tivemos a primeira reunião após as eleições. Este ano, e pelo segundo consecutivo, o eleito foi o Hernani. Manuel e Namix ficam a ajudá-lo como segundos chefes e, para completar, os novos são: Sami, Bernabé, Vadox e Maiato. Nesta reunião dei-lhes algumas recomendações para os novos cargos que a Casa lhes confia.

Em primeiro lugar, amor e fidelidade ao novo compromisso que assumem com toda a Comunidade. Em seguida, sinceridade nas palavras e capacidade de reconhecer os próprios erros. Respeitar o chefe-maioral e ajudá-lo em tudo o que se refere à disciplina da Casa. Confidencialidade nos assuntos tratados em reunião, como quarto conselho.

Dispostos a mudar todas aquelas atitudes que podem ser contrárias às de um chefe, com coragem aprofundar o conhecimento da pedagogia da Casa do Gaiato. Corrigir tanto o chefe-maioral como o padre da Casa em tudo aquilo que seja contrário à Família. Entre elas, o chefe-maioral quis realçar algumas como a confidencialidade de tudo quanto seja tratado nas conversas pessoais ou reuniões, procurar o consenso nas decisões e mostrar sempre unanimidade diante da Comunidade. É claro que os novos chefes estão cheios de interrogações e, ao mesmo tempo, de ilusões e projectos, mas sempre com a certeza de não estarem sozinhos neste caminho.

Os resultados escolares já saíram e nota-se uma melhoria em relação aos outros anos. Parece que o castigo de não gozar de férias fez efeito. Contudo, ainda temos rapazes que não sabem ler nem escrever a quem, durante as férias, vamos ter de dar apoio escolar.

Padre Telmo foi a Luanda resolver alguns problemas. A verdade, é andamos, há algum tempo, à procura de um tractor e vamos tentar pedi-lo ao Governo. Neste momento tivemos de parar todo o projecto da mandioca, porque o único tractor que tínhamos avariou. Estamos a procurar saber quanto custaria a reparação, pois que são mais de 270 famílias as que dependem dele.

Como não temos capacidade de comprar rações para os suínos, e temos cerca de trinta, iniciámos uma recolha de sobras por vários restaurantes de Malanje. Geralmente deixamos alguns baldes e, todos os dias, após as 9 da noite passamos a recolhê-los. Avozinho, Jacinto e Jesse é o grupo que costuma vir comigo e com tio Catete. Na verdade, desde que começámos, os porcos gritam mais alto quando nos vêm chegar com a comida.

E já se aproxima o Natal e com ele os preparativos: Decoração, presépio (de barro), canções e, porque não, um presente de Natal para a véspera. Enfim, celebrar que Deus encarnou e continua encarnado, pelo Espírito, no coração de cada ser humano que nasce.

Feliz Natal. □

MENSAGEIROS VIVOS DA ESPERANÇA

Padre João

A jeito de balanço devemos olhar para mais um ano que, em breve nos vai deixar, espreitando o ano que vem, iluminados pela Esperança. O Homem, como ser terreno que é, contabiliza o tempo para dar uma finalidade à sua vida, subtraindo-a ao “fluido” que corre veloz e de forma implacável.

O tempo do Homem é um “kronos”. O tempo de Deus, porém, é um “Kairos”. Aquele, é datável, matemático e irreversível, enquanto o tempo de Deus é absolutamente gratuito e surpreendente. Aquela noção de tempo é circular, fechada, enquanto esta, em espiral, permanece sempre, “em aberto”, à novidade e à surpresa. É o tempo de Deus! Um tempo sempre salvífico, mesmo que, aparentemente, contraditório: «Mil anos a vossos olhos são como o dia de ontem que passou e como a vigília da noite. Tu os levas como corrente de água, são como um sono, como a erva que cresce de madrugada...». Assim exprime a caducidade do tempo o homem orante da Escritura Sagrada no salmo 90.

No “kairos” realizam-se os grandes acontecimentos da História da Salvação dos povos e das pessoas: «quando Israel saiu do Egipto parecíamos viver um sonho...» assim se exprime o autor sagrado, deslumbrado pela acção misteriosa de Deus em favor do seu Povo! As impossibilidades dos homens tornam-se possibilidades de Deus. Que é, de facto, todo o mistério do natal senão essa evocação estupenda de “um” Deus que surpreende, para lá de todos os esquemas humanos; que não aceita ser manipulado, levando ao extremo todas as possibilidades de Deus?! — «Não temas Maria pois achaste graça diante de Deus...!»

O tempo do natal é todo ele evocativo da gratuidade de Deus; Um tempo de Graça: Deus leva ao extremo o seu amor na fragilidade de uma criança... O “Eterno”, faz-se Graça no tempo e no espaço da nossa humanidade para nos elevar à condição de «filhos no Filho Bem-Amado».

Os tempos de «Graça natalícia» não são de modo nenhum etéreos, nem se confinam a alguns dias; imprevisíveis e surpreendentes... Ainda o Natal vinha na aurora e já se assistia a uma enorme mobilização de voluntários para a campanha do Banco Alimentar, sempre a ultrapassar todas as expectativas em pessoas empenhadas e bens repartidos... Surpreendidos por enorme catástrofe os trabalhadores da Sicasal e seus gerentes demonstraram que o natal pode, apesar de tudo, «ser quando o homem quiser...», dando as mãos na recuperação do bem-comum. Em pleno Oceano Atlântico, numa luta titânica entre a vida e a morte, mercê da coragem de uns poucos e as orações de muitos, salvaram-se os pescadores das Caxinas... Momento emocionante aquele; participámos todos e nos deixámos envolver numa autêntica festa de natal, antecipada — presenciando o seu regresso, são e salvos. Quantos outros gestos escondidos não pertencem à essência do Natal sem darmos conta!

Permita Deus que estes acontecimentos natalícios augurem um ano de graça, em que da solidariedade poderá vir um “Bem” mais provado... Nunca nos falte o optimismo nem a graça do nosso Bom Deus! Sejamos Mensageiros vivos da Esperança, neste Novo Ano. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NO passado dia 16 de Dezembro, de novo, abrimos as portas para distribuir bens aos Pobres.

Todos os dias, somos massacrados por gente que se dirige à Casa do Gaiato como último recurso e aqui vem pedir comida, roupa, calçado e remédios, além do pagamento de rendas de casa e outras necessidades, pensámos disponibilizar um dia ou dois por mês, para acolher todos estes carentes. Faríamos uma acção bem organizada uma ou duas vezes por mês, como temos feito, ajudados por pessoas de fora, nossas amigas e dos Pobres, deixando-nos mais livres para nos debruçarmos sobre os gaiatos, sem as pressões diárias.

Mas... não tem resultado... De facto, é incalculável, não só a fome mas também a miséria que nos envolve.

Na última vez referida, um dos senhores que nos vem auxiliar na distribuição, comprou, com o seu dinheiro, 200 garrafas de 1L de azeite, para enriquecer o cabaz de cada família. Pois não chegou. Do que tínhamos em Casa, foram mais 58 garrafas além de desaparecer todo o arroz, a massa, o açúcar e a mercearia indispensável à alimentação dos rapazes.

Antes de começarmos a distribuir, falei à multidão, alertando para o facto de poderem estar algumas pessoas menos necessitadas. — *Que somos pobres e vivemos do que nos dão. Eu próprio sou pobre, como e visto do que chega a esta Casa. Que ninguém*

se atreva a vir comer o quinhão dos mais pobres.

As pessoas escutavam! O que é justo, brilha e compreende-se facilmente. Toda a multidão aplaudiu. Mas... depois é que foi o bonito!... Há sempre quem deseje ser o primeiro, estar com pressa, possuído do medo de não chegar para ele... e os atropelos são inevitáveis e... com eles, as discussões, as ameaças, as asneiras e toda uma série de fraquezas que atingem o ser humano.

Enfrentar os pobres é duro apesar de doce.

Mesmo sem multidões, quando digo não a alguém, encontro um ou outro que me chama todos os nomes e me submete às mais variadas intimidações. Apesar disso, prefiro este procedimento ao resguardo pessoal. Ele — O Senhor — também se sujeitou a tudo e... se fez semelhante aos homens. Estas manifestações são sinais indiscutíveis da pobreza.

Se nesse dia o problema ficasse resolvido a gente aliviava. Mas não. Logo no dia 17 surgiram mais nove pessoas e no Domingo, dia 18, treze.

Quando é alimentos, mando os Pobres ter com as Senhoras da Casa. Naquele Domingo, ouvi pela primeira vez da boca de uma delas este desalento: — *Não sei que hei-de fazer, não tenho nada para dar!*

Claro que temos. Há sempre pão, mas a cara das pessoas e o seu desfalecimento é tal que o pão pode consolá-los a eles, mas

não nos acalenta a nós. Não basta matar a fome, é preciso variar o alimento. Só o pão não chega.

Ontem, dia 19 veio outra vez muita gente. Entre ela duas senhoras cancerosas a quem já ajudei, na renda da casa, várias vezes e agora, voltavam com a mesma necessidade. O tempo passa rapidamente. Os meses seguem-se uns aos outros!... — *Não tenho dinheiro.*

Aviamos-lhes os sacos com o que pudemos, mas fiquei com a alma a sangrar! Uma delas estava com a luz cortada. Eu fico doente. Doente e revoltado. Sim revoltado. É instintivo. Não vou pegar numa bandeira e fazer manifestações mas a minha revolta é indomável.

O ano passado houve milhões para dar a quem já ganhava perto de cem mil euros mensais e os desgraçados são coagidos a viver nas trevas ou a alumiarem-se a petróleo ou velas se lhes resta alguns cêntimos, com todo o risco e incómodo que isso acarreta. Como se a energia não tivesse muito de **bem público** e o seu preço pudesse ser aumentado por decreto governamental sem avaliação das milhares de famílias que não aguentam mais.

— *Vão a esses grandes!* — É muito mais difícil incomodá-los ou mexer nos seus proventos, apesar de, neste contexto, serem mesmo injustos, dada a carga imposta aos Pobres.

Que ninguém me venha dizer que está preocupado. Se está, prove-o. Dê alguma coisa de seu, para minorar tanto sofrimento, e obrigue, com a mesma força, alguma distribuição de bens e de males! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Vivemos da Esperança

QUANDO vossos olhos poisarem nestas linhas, a Festa do Natal aconteceu. Quem dera não tenha passado! É a festa do Amor.

A família junta-se e os filhos, geralmente, experimentam um carinho particular. O nascimento de Jesus, Filho de Deus feito Homem, trouxe à humanidade a Salvação, na Justiça e no Amor. Não há outros salvadores, nem outras formas. Na medida em que seguimos o mesmo caminho, participamos e continuamos a obra maravilhosa iniciada por Ele, até chegar à plenitude. Deve ser a ocupação essencial das nossas vidas, onde estivermos, onde vivermos a nossa profissão, onde consumirmos a nossa existência. A justiça e o amor sejam a marca insubstituível do nosso estilo de vida. Quem dera! Deste modo, cada Festa do Natal será uma injeção de vida nova no projecto da nossa existência diária.

Mães e filhos, com um bom número de pais, na ordem das centenas, vêm aquecer-se na fogueira do Natal da Casa do Gaiato. É um momento muito forte da nossa vida. Não queremos que lhes falte o mínimo necessário para que o Natal seja Festa. Doutra modo, ficariam sem nada! A Justiça e o Amor geram inquietação nos corações, enquanto não houver resposta às mãos estendidas dos que participam da nossa humanidade. Sim, o nosso ser humano é parte da humanidade que está em todas as pessoas. Por isso, não podemos viver no egoísmo e na indiferença. Todos são nossos irmãos. A esta família maravilhosa, universal, foi oferecida a Salvação no Natal do Filho de Deus. Vivamos esta verdade e seremos mais felizes.

Há momentos, partiu a nossa carrinha, cheia de filhos da nossa Casa. Foram passar algumas horas na praia. Iam felizes. A fonte da sua alegria está na justiça e no amor que circulam nas suas veias. Assim acontece com todos os filhos que gozam desta riqueza nas suas vidas. A Festa do Natal é, deve ser, uma fonte de energias novas para os corações. É uma injustiça muito grave o abandono da paternidade responsável. De igual modo, a fuga à fraternidade que nos liga, de modo especial, aos que mais necessitam do nosso amor. Assim tem acontecido connosco, da parte de quem nos ajuda. Têm sido pais, mães, irmãos para connosco. Foi a resposta à pergunta: — Quem vos ajuda a caminhar de cabeça erguida e coração levantado, com tamanha responsabilidade? É o povo de Portugal. Tem sido, na verdade, nosso pai, nossa mãe, nosso irmão. Doutra modo, não seria possível ajudar os aflitos que vivem prostrados, à nossa porta. Aproveito a oportunidade para agradecer as cartas que nos são enviadas pelo correio, directamente. A direcção é simples:

Casa do Gaiato de Benguela

C.P. 820

Benguela

República de Angola.

Foi muito grande a alegria da visita dalguns membros da Empresa Mota-Engil, em Angola, com lembranças para os nossos mais pequenos. A promessa da próxima volta deixou o nosso coração cheio de esperança. As residências dos rapazes necessitam muito de ser recuperadas. Ainda não temos o tão desejado tractor. Vivemos da Esperança.

Os bebés, as crianças do Infantário e da Creche continuam a ser um tesouro precioso, graças ao carinho, fruto do amor, sem reservas, das Irmãs Cooperadoras Paroquiais, Albina e Teresa.

Votos de Natal, cheio de Paz e Alegria! □

SETÚBAL

Padre Acílio

Continuação da página 1

Muitos destes Vicentinos são assinantes d'O GAIATO. Bebem-no quinzena a quinzena. Pagaram a sua assinatura e deixaram-nos 770€.

Carrinha

No vigésimo aniversário da sua inauguração, a Autoeuropa quis oferecer-nos uma carrinha nova, Sharan, de 7 lugares.

Há anos que os trabalhadores desta empresa mimoseiam os rapazes com várias ofertas e manifestações de ternura. Vêm buscá-los de autocarro, levam-nos ao circo, mostram-lhes a fábrica e dão-lhes prendas úteis — revelando o seu apreço por cada um deles.

Desta vez foi a própria direcção da Autoeuropa que assinalou a data festiva com esta magnífica oferta, expressando assim o respeito por esta Casa.

Não é alheio à iniciativa o facto de alguns rapazes, aqui criados, serem bons operários desta fábrica de automóveis, sediada perto de nós. Há mais de cinquenta anos instalamo-nos em terrenos que foram pertença do concelho de Palmela, anexados ao de Setúbal, para sermos a Casa do Gaiato desta Cidade.

Enche-nos de incontido júbilo o gesto da Autoeuropa, não só pelo valor da carrinha, que é elevado, mas, sobretudo, pela revelação da estima que este procedimento contém.

Um vulcão de alegria e gratidão vou sentindo nascer no coração, de quantos vão conhecendo a nobre esmola da fábrica de Palmela. Alegria connosco e dá graças a Deus! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Com ramos de oliveira

O desalento e a insegurança, que se manifestam actualmente e transparecem em tantos rostos, podem perturbar a nossa visão da existência humana, nos dias que correm.

A paz, de consciência, é uma miragem sem uma vida oblativa, de entrega a um Ideal encarnado e transcendente, que assim nos pode dar serenidade interior. *A ninguém devemos nada senão amor.* É um sinete cristão, para cada dia e tempo.

Nesta Luz, o Natal é sempre actual, pelo Amor que nos mostra Jesus, pobre, *que nos deu a conhecer Deus.* O Seu nascimento, numa família, é um acontecimento do presente! A força deste facto vem da simplicidade do Menino que Maria nos dá. Afinal, toda a pessoa humana é o bem mais precioso da Criação. Quanto mais débil, mais próxima d'Ele. Esperar outra surpresa desvirtua o sentido real deste evento inaudito, no qual encontramos o fio condutor da História.

Porque o Senhor habita no meio de nós, na tenda humana, é pertinente olhar para os outros e agir com a razão da nossa esperança. Visitar Pobres e estar com eles, mergulhando nas suas angústias, confronta-nos com a nossa tibieza. E assim aconteceu, por estes dias. Recebemos recado para conhecer

a situação de um rapazito à deriva, com mãe demente e ausente e pai no céu.

Pelo caminho, à vista do Tejo, encontrámos gente fragilizada e amontoada, já nossa conhecida. Quando partilhávamos do que recebemos de graça, atiraram-nos à queima roupa: — *Estamos todos desempregados...* A excessiva concentração urbana, sem consistência e meios de subsistência, deixa rastros de miséria. Daqueles deserdados, vimos e ouvimos um bom sinal: — *Nós vamos dividir!*

Acontece que parece aumentar a intranquilidade nalgumas pessoas e até nos mais novos, consoante se vêem mais luzes na rua e o anúncio do Natal se vai entoando, como ouvimos cantarolar a um rapazito, enquanto lavava louça, na copa.

Em dias gélidos, mas que o Sol brilhou, foi preciso estar num campo verde e de vistas largas, num vale rasgado pela linha da Lousã e com um regato aos pés, onde se estende um olival.

Depois de calcarnos erva, com garotos em redor das oliveiras, trouxemos na mão um ramo de folhas, pois urgia deixar, por momentos, esse quadro educativo, no pousio escolar. As mãos e a mente ocupadas ajudam a construir a paz. No tempo de Noé, uma pomba trouxe no bico uma folha verde de oliveira!

Alguns choques, superficiais, entre a garotada, vão caindo por terra quando, organizados, executam tarefas acessíveis à sua idade. Em grupos de pequenos e médios, uma dúzia de miúdos tiveram de catar azeitonas do chão e outros varejar para os panais. Se os mais tenros levaram a apanha a brincar, noutros percebemos alguns mais arredios. O azeite não cai do céu, mas escorre qual fio de ouro, depois de moída a colheita. Estiveram de joelhos, a aproveitar algo do que tombou, enquanto outros batiam nos ramos de oliveira, inocentes e generosos, escapulindo também energias, para além dos negros frutos. É verdade, não há amor sem dor!

No mundo globalizado e de incerteza, em que nos é dado viver, um trabalho desejado e conseguido é libertador, mas aparece cada vez mais como algo precioso para a estabilidade social. Os mais novos não podem ser criados em fantasias, de que todo o ano há presentes no sapatinho, sem contudo darem ao chinelo. A Caridade nunca acabará; mas, primeiro, justiça!

A paz é um sonho infantil ou um presente que o Menino da Cruz nos quer dar, se caminhar-mos ao Seu encontro, todos os dias da nossa vida?... □